

A educação superior e o potencial empreendedor: um Estudo de Caso em uma Instituição de Ensino Superior

MARCIO ROBERTO LOIOLA MACHADO (UFRN)

MIGUEL EDUARDO MORENO AÑEZ (UFRN)

RUBENS EUGÊNIO BARRETO RAMOS (UFRN)

ISSN 1518-4382

REFERÊNCIA:

MACHADO, Marcio Roberto Loiola; AÑEZ, Miguel Eduardo Moreno; RAMOS, Rubens Eugênio Barreto. A educação superior e o potencial empreendedor: um Estudo de Caso em uma Instituição de Ensino Superior In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 4. 2005, Curitiba, *Anais...* Curitiba, 2005, p. 244-255.

Resumo

Pautado na capacidade da educação em esculpir o comportamento das pessoas, o objetivo deste estudo é o de investigar a relação entre os fatores ligados ao empreendedorismo, tanto psicológicos quanto cognitivos, com o potencial empreendedor e a importância da educação superior privada na composição desta relação, com o intuito de traçar novas estratégias para o aprendizado empreendedor. Para tanto foram analisados 264 alunos pertencentes ao Curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, face a missão e objetivos de ambos, em desenvolver a capacidade empreendedora em seus alunos. O presente trabalho inicia-se com uma introdução, aonde são abordadas a preocupação do governo, bem como as pesquisas que envolvem a educação e o empreendedorismo; em seguida, retrata tipologia da educação e a educação empreendedora, conceituação sobre o potencial empreendedor. Nas últimas três seções, descreve-se a metodologia, a análise e discussão dos resultados e, por último, uma conclusão.

1. INTRODUÇÃO

O novo cenário mundial, tem levado muitos a enfrentar a crise do desempregado qualificado, isto é, pessoas com formação de nível superior que não conseguem emprego no seu campo de formação ou especialização. Mais de meio milhão de estudantes concluem o curso superior a cada ano no Brasil e algumas previsões já alertam, que até 2010, somente 10% da mão-de-obra será constituída de empregados. A educação superior não pode e nem deve ficar alheia a este processo, em que o binômio, educação e empreendedorismo, pode ser a chave para um novo desenvolvimento.

De acordo com Santos (1995), “nas escolas, pouca ou nenhuma ênfase – ou estímulo – foi destinada para orientar os estudantes a considerarem a opção de criar um negócio próprio”. Para tanto, a lei nº 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), juntamente com o decreto 2.208/97, estabeleceram um novo modelo educacional, focalizado na construção de competências e habilidades e tendo como objetivo o processo de aprendizagem no qual o “aprender a aprender” e o “aprender a fazer” estivessem sempre presentes, com uma lógica de formação de atitudes, conduta e crenças. Com essa abordagem educacional esperava-se contribuir, para que os alunos, formados hoje, fossem muito mais autônomos e desembaraçados que os do passado, ou seja, um novo modelo voltado para a educação empreendedora. (Paiva 2002, p. 33). Ao citar a expressão

“educação empreendedora”, urge a necessidade de conhecer a complexidade e diversidade de ambos os campos.

Para Souza (2000), não é possível tratar da educação a partir de uma ótica exclusiva dos profissionais deste campo, já que a educação vem sendo marcadas nas últimas décadas por contribuições de diversas áreas, como: psicologia da educação, através da identificação de fatores capazes de afetar o comportamento, com a finalidade de tornar explícito os mecanismos psicológicos envolvidos no processo ensino-aprendizagem; tecnologia da educação, economia da educação; filosofia da educação, sociologia da educação, dentre outras.

Na mesma direção, ao analisar a literatura disponível sobre “empreendedorismo”, percebe-se que o tema, também, embora mais recente, é bastante complexo, aonde a própria definição, só encontra um absoluto consenso entre especialistas do mesmo campo (Filion, 1997). A razão desse problema pode estar na grande diversidade de tipos de empreendedores, por ser um assunto raro, que atrai especialistas de diversos ramos de disciplina e na possibilidade de estudá-los pela perspectiva de diversos ramos da ciência, como por exemplo, a economia, a sociologia, a psicologia, etc.

Entretanto, diversas pesquisas, que abordam as duas temáticas, citadas anteriormente, já foram realizadas, das quais podemos extrair algumas conclusões:

- a percepção comum de que os empreendedores têm menos educação formal do que a população em geral, provou ser mais mito do que realidade. Estudos descobriram que os empreendedores, como um todo, e as empreendedoras, em particular, têm escolaridade muito maior do que a população em geral. (Hisrich e Peters, 2004);
- 25% das crianças, no jardim de infância, demonstraram características empreendedoras importantes, como necessidade para realização e correr risco, comparado a somente 3% de estudantes em escola secundária (Kourilsky, 1980);
- nas universidades, poucos, dos futuros empreendedores se dão conta de que terão o empreendedorismo como seu principal objetivo de vida. Mesmo entre a minoria que percebe isso, relativamente poucos indivíduos iniciarão um negócio imediatamente após a graduação, e em um número ainda menor se prepararão para a criação de um novo empreendimento através do trabalho em um determinado cargo ou indústria (Filion, 1999);
- um pequeno estudo com jovens universitários detectou que apenas 20% deles gostariam de ser empreendedores, as respostas foram próximas a zero, ou seja, praticamente nenhum universitário brasileiro hoje busca seriamente o empreendedorismo. “O que eles estão fazendo? Preparando seus currículos para enviarem a grandes empresas” (Vianna, 2004);
- uma pesquisa realizada por Candace Borland com 375 estudantes de administração da Universidade do Texas apontou que, em termos gerais, os estudantes que desejavam começar um dia seu próprio negócio, estava numa forte crença no controle interno e uma baixa crença na capacidade dos outros de controlarem os seus destinos (Shapero, 1975);

Diante do exposto, é possível perceber a inexistência, ainda, de pesquisas definitivas, que mostrem, claramente, qual o nível educacional (fundamental ou superior) ou qual a idade ideal, propícia, para se aprender a empreender. O que se tem de concreto, é o fato da educação-aprendizagem e da escola, ajudar no processo de mudança do comportamento e no surgimento de novas atributos.

2. A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E O POTENCIAL EMPREENDEDOR

A questão da educação tem sido de interesse de diversos pesquisadores, dada sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, refletindo no desenvolvimento da própria nação. Porém, tal questão torna-se essencial no mundo atual, com a rápida circulação de informações, provocando modificações profundas nas mais diversas áreas de atuação humana. Dentro da educação, diversos autores têm, por décadas, se dedicado a um debate que se tornou clássico em Psicologia. Tal debate

reflete o esforço na busca de uma resposta para a seguinte pergunta: qual a causa do comportamento humano? Dessa pergunta original, surgem outras: 1) O comportamento humano é determinado por fatores genéticos? 2) O comportamento humano é determinado por fatores ambientais, ocorrendo, portanto, devido à aprendizagem? 3) O comportamento é influenciado em parte pela composição genética (*nature*) e em parte pelo ambiente (*nurture*)? 4) Existe um fator que se destaca em relação ao outro?(Souza, 2000, p.27)

Na educação, o debate relativo aos fatores determinantes do comportamento ficou conhecido como “*nature x nurture*” e, apesar de não haver um consenso entre os diversos teóricos interessados no tema, há uma tendência de não aceitação das visões extremadas. Mesmo diante das influências genéticas ou ambientais, há um papel do indivíduo, decidindo que comportamento será adotado nas mais diversas situações, em face disso, Atkinson, Atkinson, Smith e Bem (1995), encontraram na Psicologia educacional, três perspectivas:

- a perspectiva biológica: enfatiza a composição genética do indivíduo como principal fator a influenciar o comportamento. Há um caráter hereditário.
- a perspectiva comportamental: enfatiza os processos de aprendizagem como principal influência do comportamento. Esta perspectiva tem sua origem no movimento behaviorista.
- a perspectiva cognitiva: considera o papel dos processos mentais envolvidos na emissão do comportamento. O comportamento é fruto de uma decisão do indivíduo, com base em seus objetivos.

Além dos números pouco expressivos da Educação superior brasileira, é mais do que sabido que, hoje, fazer um curso superior, público ou privado, não é garantia de emprego para ninguém. Esta realidade é uma vilã para as IES já que desmotiva os jovens a concluírem a graduação. Como as universidades, faculdades e centros universitários podem contornar esse problema? "Formando empreendedores" é a resposta de algumas instituições, que estão deixando de lado a cultura de preparar o aluno para ser empregado e estão dando os primeiros passos em outro caminho, o dos empreendedores.

De acordo com Dolabela (1999, p. 23), “ainda não existe resposta científica sobre se é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Mas sabe-se que é possível aprender a sê-lo”. “Na verdade não se trata de ensinar, mas de desenvolver, porque todas as pessoas nascem empreendedoras, assim como todo o mundo nasce com potencial para andar, cantar, tocar um piano.” (Dolabela, 2005). Os empreendedores inatos continuam existindo e sendo referências de sucesso, no entanto, outros podem ser capacitados para a criação de empresas duradouras (Dornelas, 2001). Assim, também, desfaz-se a tese de que empreendedorismo é fruto de herança genética, ou seja, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras.(Filion, 1991)

Segundo Winslow et al (1997), a educação aplicada ao empreendedorismo foi referenciada há muitos anos atrás, mais precisamente em 1938, por Shigeru Fujii, Professor Emeritus da Universidade de Kobe no Japão. Os primeiros cursos em empreendedorismo, que emergiram com oferecimento acadêmico por volta de 1960, tiveram como sua especialização focalizar as atividades que envolvessem, originassem e desenvolvessem o crescimento de novas empresas (Guglielmino & Klatt, 1993; Marchigiano-Monroy, 1993). O crescimento destes cursos é um fenômeno acadêmico que não é provável dissipar logo.

Uma variedade de programas em educação e treinamento, apontam para o desenvolvimento de empreendedores, aumentando a chance de sucesso para empreendimentos pequenos e médios, e estão sendo empregados em países do mundo inteiro. Segundo Smilor e Pegram (2003), em uma recente conferência patrocinada pela Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD) em Budapeste, os apresentadores enfatizaram que há pequena evidência disponível no impacto de treinamento empreendedor, devido a uma falta de dados. Eles deram ênfase a

necessidade por pesquisa para aumentar os dados qualitativos e quantitativos relacionados a educação e ao empreendedorismo e também discutiram a importância do aprendizado empreendedor.

A importância desta educação, para Rasheed (2000), é identificar e criar os empreendedores potenciais, ao longo do processo educacional, o que poderia produzir muitos benefícios econômicos a longo prazo. Outro ponto importante é a criação de um sistema de apoio à empresa baseado em educação empreendedora planejada, que estimule e facilite atividades empreendedoras, podendo resultar em uma redução da taxa de desemprego, aumentar a criação de novas empresas e diminuir os fracassos de negócios existentes, é o que propõe Hansemark, (1998). É um componente econômico e estratégico importante, para nutrir a criação de trabalho (McMullan et al, 1986). Para Vesper (1990), esta educação, na universidade, facilita o processo para criar uma consciência empreendedora e, segundo Leite (2000, p. 533), as universidades precisam formar empreendedores e a sociedade necessita deles.

A educação empreendedora foi definida por Hansemark (1998), como a educação com o propósito de criar um novo produto ou serviço, que resulte em alto valor econômico, focado em conhecimento sobre a pequena empresa, auto-emprego e novas habilidades e atributos. Para Aiub (2002), a esta educação é um dos caminhos encontrados para a criação de um ambiente que estimule comportamentos sociais voltados para o desenvolvimento da capacidade de geração do próprio trabalho.

Por outro lado, Winslow et al (1997), acreditam que há uma necessidade de abandonar formas mais tradicionais de ensinar e os métodos de avaliação, para métodos não convencionais. Para Chamard (1989 apud Rasheed 2000), o sistema de ensino formal não é particularmente encorajador ao empreendedorismo e possivelmente suprime as mais importantes características empreendedoras. De acordo com Singh (1990), a educação tradicional, na verdade, inibe o empreendedorismo e enfatiza a necessidade de reorientar e avaliar o sistema escolar, com o método empreendedor, para cultivar uma cultura de empreendedores.

De acordo com Dolabela (2000, p.86), as nossas universidades têm ainda que superar desafios internos para poder concentrar as suas energias na formação de pessoas com características empreendedoras. O modelo organizacional em que assenta hoje o ensino universitário brasileiro está esgotado. É preciso: (re)institucionalizar e (re)inventar o ensino superior brasileiro, baseado no empreendedorismo (Leite, 2000, p. 533); promover um programa nacional de educação empreendedora que abarque todos os níveis escolares, em particular nos campos de formação técnica e do nível superior (Filion, 2000, p.35); mudança radical das prioridades pedagógicas do ensino de habilidades analíticas para resolução de problemas em direção ao cultivo de uma mentalidade inovadora, capaz de mudar paradigmas (Chia, 1996 e Filion, 1999, p. 27).

2.1 Potencial empreendedor

De acordo com Krueger (1997), apesar do imenso interesse em saber como as empresas novas emergem, pequeno número de pesquisas conceitualizam potencial empreendedor rigorosamente. Cielo (2001, p.52), acredita que existem características, maneiras de agir e pensar que favorecem o surgimento de indivíduos, com maior “espírito empreendedor”, capazes de obter êxito em um mesmo negócio e em outros fracassarem, atingir o sucesso em áreas para as quais não se formaram na escola, ou com as quais não estiveram diretamente associados durante a maior parte de suas vidas. Esse diferencial é o chamado potencial empreendedor.

Krueger e Brazeal (1994), utilizaram a perspectiva psicológica e social para conceituar e testar a noção do potencial empreendedor. Entretanto para Krueger (1997), o ambiente favorável e as percepções, conduzem crenças e atitudes de empreendedores potenciais. Por exemplo, percepções

sobre, possíveis conseqüências, boas ou más; opinião de familiares e amigos; as próprias competências; e a receptibilidade da comunidade para a atividade empreendedora, compõem uma confiança individual de conveniência e possibilidade para instituir uma nova empresa.

Baron e Markman (2000), fizeram os seguintes questionamentos: “Nós podemos diferenciar confiantemente e constantemente os empreendedores de outras pessoas, ou o que diferencia os fundadores empresariais de outros que não começam uma empresa?” Procurando resposta para essas perguntas, alguns estudos, com os fatores ambientais, discutiram que as pessoas se tornam empreendedoras por causa dos baixos custos de oportunidades (Amit et al, 1993). O empreendedor em potencial pode ser hoje enfermeira, secretária, trabalhador de linha de montagem, mecânico, vendedor, dona de casa, gerente ou engenheiro. O empreendedor em potencial pode ser homem ou mulher e de qualquer raça ou nacionalidade. (Hisrich e Peters, 2004, p.77).

Ao verificar, também, os fatores psicológicos, é flagrante a quantidade de pesquisadores que defendem tais características como preditoras do comportamento empreendedor. Entretanto, para Shaver e Scott (1991), as pesquisas que enfatizam os fatores relacionados com a personalidade e características demográficas, tendem negligenciar a natureza intencional da atividade empreendedora. “Alguém, afinal de contas, tem que decidir começar um negócio, e se nós vamos identificar e apoiar os empreendedores, nós precisamos entender melhor como as pessoas tomam esta decisão”. Para os autores, identificar o potencial empreendedor, parece requerer, também, uma infra-estrutura cognitiva apropriada.

Palich e Bagby (1992 apud Morales 2004, p.49), estudaram os empreendedores na ótica da psicologia cognitiva, e afirmaram que os empreendedores não se diferenciam dos não empreendedores no sentido de que os primeiros procurariam mais situações de resultados incertos, mas sim no sentido de que interpretam e categorizam (classificam) mais situações como tendo “mais forças que fraquezas”, “mais oportunidades que ameaças” e “mais chances de ganho do que de perda”. Assim, quando um empreendedor procura uma atividade que pode ser ignorada ou negligenciada por um não empreendedor, ele o faz porque a percepção do empreendedor dos resultados positivos que ela pode trazer é maior do que uma predisposição de assumir riscos.

Shaver (1995), pesquisou, tanto as características psicológicas como cognitivas, e descobriu que, as atitudes, habilidades interpessoais e processo de cognição pessoal, podem ser aprendidas posteriormente na vida. Portanto os empreendedores podem nascer assim, mas podem ser preparados. Um exame da psicologia na criação do novo empreendimento revelou que as crenças de uma pessoa sobre o potencial empreendedor podem ser mudadas.

Ao abordar alguns inibidores do potencial empreendedor, Fillion (2000, p.34), apontou, pelo menos, seis obstáculos ao desenvolvimento do potencial empreendedor e, mais uma vez, destaca a educação superior, como o principal meio para vencê-los: autoconfiança; falta de confiança que existe entre os brasileiros; abordagens próprias ao Brasil, identificadas com as características culturais; disciplina; necessidade de compartilhamento; e burocracia.

Referindo-se ao ambiente mais hostil para o empreendedorismo, Dolabela (2005), escolheu a família, como o mais forte e a escola, como reforçadora dessa. “Ambas são inibidoras do potencial empreendedor. E essa inibição opera quando a criança ainda está no útero. A biologia nos define como uma espécie capaz de empreender. Mas a cultura é que define tudo e acaba com tudo”. O sucesso e a satisfação no emprego e na vida particular são os fatores que mais inibem as pessoas a tomar a decisão de se tornar empreendedor. Além destes, há outros três fatores, na ótica de Degen (1989), que inibem o surgimento de novos empreendedores, como: imagem social, disposição para assumir riscos e o capital social.

Haja vista a grande quantidade e diversidade de pesquisas, que adotam as características, ambientais, demográficas, psicológicas, e mais recentemente cognitivas, como preditoras ou não do comportamento empreendedor, resolvemos unir algumas características psicológicas e cognitivas, como parâmetros para a investigação do potencial empreendedor, composto dos seguintes fatores: necessidade de independência, atitudes, locus de controle, oportunidade, auto-eficiência, percepção e intenção e inibidores do potencial empreendedor. É importante ressaltar a visão de Fillion (2000, p.38), “o empreendedorismo é um campo de pesquisa emergente, onde não existe ainda uma teoria estabelecida”.

3. METODOLOGIA

A pesquisa, ao investigar a relação entre os fatores, psicológicos e cognitivos, com o potencial empreendedor em estudantes do Curso de Administração (diurno e noturno) de uma Intituição de Ensino Superior (IES), trata, inicialmente, de uma perspectiva epistemológica positivista, que segundo Richardson (1999), é um movimento que enfatiza a ciência e o método de investigação empírica e caracteriza-se, ainda, por ser do tipo exploratório-descritivo, na medida em que procura observar, descrever, registrar, analisar e correlacionar fatos novos e existentes. Visa obter o conhecimento do assunto através de procedimentos técnicos como a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso e quanto a natureza é quantitativa.

A busca de dados empíricos foi realizada através da *técnica de documentação direta*, por intermédio do questionário, que representa um conjunto de perguntas dispostas seqüencialmente, elaborado em função dos objetivos da pesquisa ou questões que se investigam. Foi testado a validade e fidedignidade do questionário, através de dois estudos-pilotos, com alunos da própria instituição, porém de curso diferente. Durante o período de coleta de dados, novembro a dezembro/2004, foram entrevistados 264 alunos do Curso de Administração de uma Universidade privada do Rio Grande do Norte. O universo de alunos pertence ao primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e concluintes, representando um total de 797 alunos. A Tabela 4.1, mostra a distribuição do número de alunos de acordo com o turno e ano que está matriculado e os percentuais, proporcionalmente, da população e da amostra no curso.

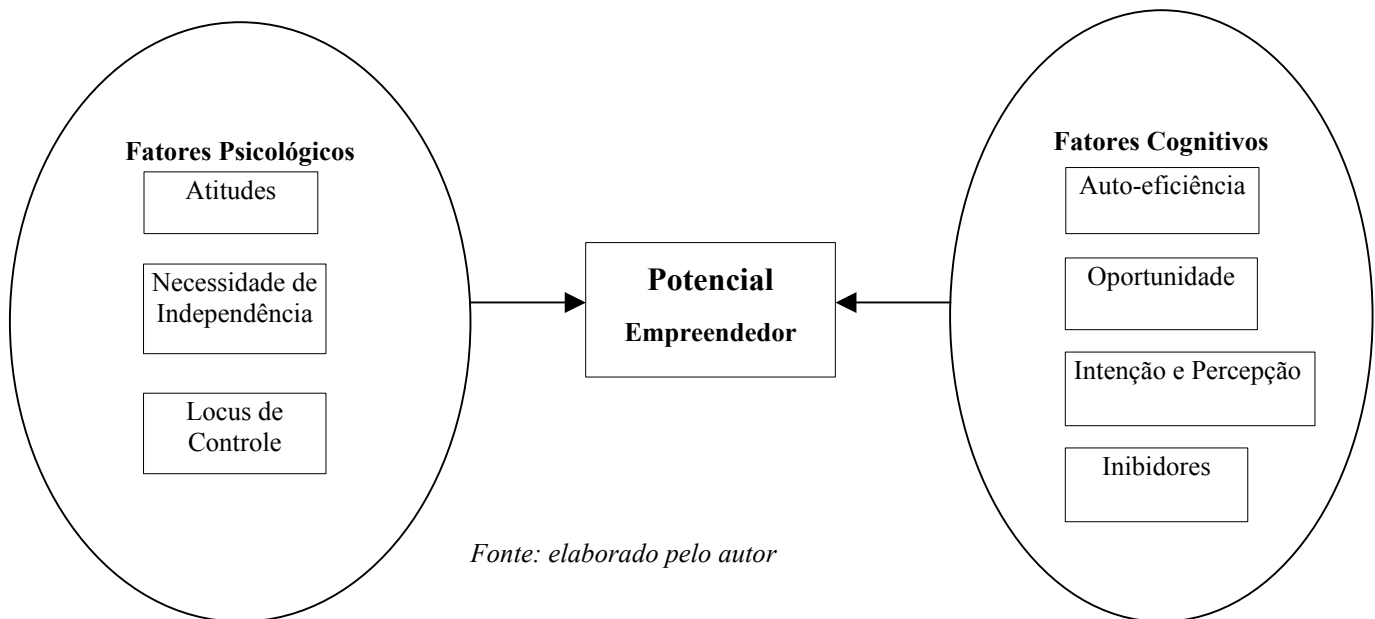
Tabela 4.1 - Distribuição do número de alunos (população e amostra)

| | Turno | 1º ANO | | | 2º ANO | | | 3º ANO | | | Concluintes | | | Total | |
|-----------|-------|--------|-----|-----|--------|-----|-----|--------|-----|-----|-------------|----|-----|-------|------|
| População | Manhã | 250 | 402 | 50% | 36 | 176 | 22% | 39 | 139 | 17% | 26 | 80 | 10% | 797 | 100% |
| | Noite | 152 | | | 140 | | | 100 | | | 54 | | | | |
| Amostra | Manhã | 72 | 122 | 46% | 30 | 69 | 26% | 18 | 46 | 17% | 11 | 27 | 10% | 264 | 100% |
| | Noite | 50 | | | 39 | | | 28 | | | 16 | | | | |

Um modelo de pesquisa, foi elaborado a fim de obter informações relevantes para o objetivo do trabalho, ou seja, investigar a relação entre os fatores, psicológicos e cognitivos, com o potencial empreendedor no ensino superior privado.

Figura 4.1

Modelo de pesquisa para investigar a relação entre os fatores psicológicos e cognitivos com o potencial empreendedor .



A tabela 4.2, abaixo, mostra de forma reduzida as variáveis e as questões investigadas, composta por sete variáveis independentes (atitudes, locus de controle, necessidade de independência, auto-eficiência, oportunidades intenção e percepção e inibidores) e uma variável dependente (potencial empreendedor), interligadas umas com as outras, oriundas de dois fatores, o cognitivo e o psicológico.

Tabela 4.2 - Variáveis do questionário x Abordagem x Autor

| Variáveis | Abordagem | Principais Autores |
|------------------------------|--|---|
| Intenção e Percepção | - Interesse em ser o próprio patrão; - Importância do empreendedor para a sociedade; - Educação voltada para o empreendedorismo; - Caso de uma pessoa ganhar um milhão na loteria; - Abrir uma empresa durante a universidade; - O mais importante para iniciar um novo negócio; - Principal motivo que levaria a abrir uma empresa; | - Krueger (1997); - Chauí (2004); - Bird e Brush (2003); - Gibson et al (1981) |
| Atitudes | Sobre as atitudes necessárias para uma pessoa que vai abrir uma empresa | - Leite (2000); - Nassajon et al, (2004); |
| Oportunidade | Sobre oportunidade de abrir uma empresa | - Dolabela (1999, 2000 e 2005) - Dornelas (2001); - Degen (1989); |
| Auto-eficiência | Aspectos relacionados com a capacidade de gerir uma empresa | - Degen (1989); - Chen et al (1998) |
| Necessidade de independência | Aspectos relacionados a forma de agir diariamente | - Hisrich e Peters (2004) |
| Locus de controle | Sobre o dia a dia dos acontecimentos na vida | - Hisrich e Peters (2004) |
| Inibidores do potencial | O que inibe a abertura de uma empresa | - Filion (1991, 1997, 1999 e 2000); - Degen (1989); |
| Potencial empreendedor | Avaliação de uma situação geral | Todo os anteriores |

Fonte: o autor

Na análise dos resultados foi utilizado programa estatístico com base nos seguintes critérios: análise bivariada e regressão linear múltipla, para desenvolver uma questão estimativa de autopeso através da qual pode-se prever valores para uma variável de critério ou variável dependente (VD) a partir dos valores de diversas variáveis de previsão ou variável independente (VI); cluster, para determinação de grupos homogêneos em relação às respostas do questionário, e qui-quadrado, para estudar a associação ou dependência, entre duas variáveis. As variáveis do modelo foram operacionalizadas em uma escala de intensidade tipo “likert” de 5 pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Estabelecido em uma Instituição Superior do Rio Grande do Norte, que apresenta como um de seus objetivos, estimular, no processo da formação profissional, o desenvolvimento de uma postura ética, empreendedora e crítica, o Curso de Administração pesquisado, possui como filosofia básica o incentivo ao empreendedorismo, desde as séries iniciais, visando despertar nos alunos o interesse para efetivas realizações empresariais.

O curso tem como missão: “Desenvolver a capacidade empreendedora, através de um ensino de qualidade em Administração, visando a formação integral e continuada do cidadão, para atuar como agente transformador da realidade empresarial e comunitária em que está inserido”. Para que seja plenamente atingida a missão, o curso estabelece quatro objetivos, dentre os quais, o de disseminar a cultura empreendedora, visando a identificação de oportunidades e a implementação de projetos e negócios.

Após de tabulado e analisado os dados obtidos, o instrumento de pesquisa foi submetido a um teste de confiabilidade e foram eliminados dois blocos de variáveis, oportunidade e necessidade de independência, por apresentarem medidas de consistência interna, alfa de Cronbach, menor que $0,7(\alpha < 0,7)$, para as escalas utilizadas, diretas e invertidas, analisadas separadamente.

Observando as variáveis não eliminadas e representadas, juntamente com as eliminadas, na tabela 3.1, sugere-se no item relacionado a percepção e intenção sobre a atividade empreendedora, que apesar de haver grande interesse neste tipo de atividade e, até mesmo, a percepção de sua importância, tanto para a educação quanto para a própria sociedade, bem como uma alta necessidade de realização; o dinheiro, ainda, continua sendo a principal motivação para os alunos do curso de administração, na hora de abrir um negócio. Entretanto, ao se depararem com uma situação em que possuíam R\$ 1.000.000,00 (um milhão) em mãos, somente 25% dos alunos arriscariam a metade deste dinheiro na implementação de uma empresa e 40% deles não a abririam.

Referente ao potencial empreendedor, os dados analisados permitem inferir que: o sucesso na carreira e um bom emprego, continuam sendo, para os estudantes, fatores inibidores a tomada de decisão de se tornar empreendedor; a percepção de que é desejável iniciar uma nova empresa é resultado da cultura, da subcultura, da família, dos professores e dos colegas. Provavelmente, o conservadorismo destes, sejam mais fortes do que a educação do curso voltada para o empreendedorismo; a percepção dos estudantes sobre os resultados positivos que uma nova situação pode trazer é menor do que uma predisposição de assumir riscos; a realização pessoal e a oportunidade, provavelmente, quando agrupada a outros fatores que inibem a atividade empreendedora, não são suficiente para despertar a disposição de abrir um negócio; e dos 23 alunos que iniciaram o curso sendo *proprietário de empresa* apenas 2 *certamente* abririam uma empresa, e dos 13 alunos que iniciaram a universidade como *autônomo*, nenhum afirma que *certamente* abririam uma empresa. Os que afirmaram *certamente* abrir uma empresa, iniciaram o curso trabalhando em uma empresa ou estavam desempregados. Portanto, essas constatações podem

revelar obstáculos e uma, conseqüente, não evidênciação do potencial empreendedor em 87% dos estudantes.

Sugere-se ainda, que há uma relação irrisória entre interesse e potencial empreendedor, constatada através da análise bivariada com um grau de correlação entre as variáveis igual a 0,19 ($p < 0,05$), ou seja, não há comprovação de que o interesse em ser o próprio patrão, conduza a um comportamento empreendedor.

Quanto a regressão múltipla, foi encontrado somente um grupo de sete variáveis que apresentam uma baixa significância na correlação com o potencial empreendedor. É importante destacar, que cinco destas variáveis, revelam uma dissonância quanto ao padrão de respostas esperado, reafirmando, mais uma vez, a falta de potencial empreendedor dos alunos do curso de Administração.

Analisando o perfil dos dois grupos formados, nas quatro variáveis exploradas, verifica-se que: um maior grupo apresenta uma menor aceitação das atitudes positivas, necessárias aos empreendedores e um grupo menor, revela uma maior aceitação das atitudes negativas; uma proporção maior de estudantes do primeiro ano, externam uma menor auto-eficiência e existe uma proporção maior de alunos do 3º e 4º ano, com maior auto-eficiência; existe uma proporção maior de alunos do turno matutino, que é formado em sua maioria por alunos do primeiro ano, caracterizado por uma menor percepção sobre o fracasso e ser mais dirigido para o controle externo, o que pode inibir suas tendências empreendedoras; e quanto aos inibidores na abertura de uma empresa é possível concluir, que somente 33% dos alunos parecem concordar ou conhecer estas dificuldades. De modo geral, nenhuma diferença significativa foi encontrada entre os alunos do primeiro ano e concluintes, diurno e noturno.

5. CONCLUSÕES

A educação superior, mais precisamente os cursos de administração, que possuem o maior número de alunos matriculados no país, frente aos desafios impostos a humanidade e a própria necessidade em se adequar a nova realidade, não podem e não devem ficar alheios ao processo empreendedor. Como desenvolver este potencial, que segundo alguns estudiosos, já nasce com o indivíduo, qual a metodologia e corpo docente adequados para esta nova tarefa, são algumas das indagações e um dos grandes dilemas por que passam hoje e a ser enfrentado pelas instituições de ensino superior de todo o país.

Por outro lado, o problema mundial da falta de emprego e de soluções inovadoras, corroborado com o recente efeito midiático do empreendedorismo como solução dos problemas, parecem realmente despertar nas pessoas a idéia em ser o próprio patrão, más, por enquanto, está apenas na percepção de que é possível. Como diz Pamplona (2003), somente atitude não é suficiente para se abrir uma empresa, é preciso uma rede de relacionamento bem posicionada socialmente e capacitação técnica. Segundo o autor, para a mobilidade social dos mais pobres o emprego formal continua sendo a melhor saída.

Portanto, através dos resultados empíricos desta pesquisa, pode-se afirmar que, para o Curso pesquisado, as variáveis empreendedoras citadas na literatura, não suportam uma relação com o potencial empreendedor, talvez, devido a um desconhecimento das variáveis que compõem este comportamento ou, a outros fatores que interferem nesse potencial como, a própria educação superior, o ambiente, a família, a religião, etc. e, aponta para a necessidade de que novos estudos procurem aprofundar a investigação, com estas ou com outras variáveis, no comportamento dos alunos em diferentes cursos e universidades.

REFERÊNCIAS

- AIUB**, George Wilson. *Inteligência Empreendedora: uma proposta para a capacitação de multiplicadores da Cultura Empreendedora*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). UFSC, Florianópolis, 2002.
- AMIT**, R.; **GLOSTEN**, L.; **MULLER**, E. *Challenges to theory development in entrepreneurship research*, Journal of Management Studie 30(5), 815-834, 1993.
- ATKINSON**, R. L., **ATKINSON**, R. C., **SMITH**, E. E., **BEM**, D. J. *Introdução à psicologia*. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BARON**, Robert A. and **MARKMAN**, Gideon D. *Cognitive mechanisms: potential differences between entrepreneurs and non-entrepreneurs*. USASBE – Annual National Conference Entrepreneurship: the engine of Global economic development. San Francisco, Califórnia, 21-24 June, 2000.
- BIRD**, Barbara J. and **BRUSH**, Candida G. *What is entrepreneurial vision and how does it work?* Working Paper, 19-2003.
- CHEN**, C. C., **GREENE**, P. G. & **CRICK**, A. *Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers?* Journal of Business Venturing. 13: 295-316, 1998.
- CHIA**, Robert. *Teaching Paradigm Shifiting in management Education: University business Schools and the Entrepreneurial Imagination*. Journal of management Studies, Vol. 33, nº 4, p. 409-428, 1996.
- CHAUI**, Marilena. *Convite à filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- CIELO**, Ivanete Daga. *Perfil do pequeno empreendedor: uma investigação das características empreendedoras nas empresas de pequena dimensão*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). UFSC, Florianópolis, 2001.
- DEGEN**, Ronald Jean. *O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DIPLOMA**: garantia de um futuro tranquilo? Reportagem exibida no Globo Repórter em 11/06/2004. Disponível em: <<http://redeglobo6.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-3430-2,00.html>> Acesso em 10 de julho de 2004.
- DOLABELA**, Fernando. *O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro*. In: INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL. *Empreendedorismo: ciência, técnica e arte*. 2ª ed. Brasília: CNI/IEL, 2000.
- DOLABELA**, Fernando. *Oficina do Empreendedor*. 6ª Ed. São Paulo: Cultura, 1999.
- _____. *Fugir do risco é psicose*. Entrevista concedida a revista Amanhã. Disponível em <<http://amanha.terra.com.br/edicoes/206/entrevista.asp>>. Acesso em: 03 janeiro 2005.
- DORNELAS**, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. . 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campos, 2001.

- FILION**, Louis Jacques. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL. Empreendedorismo: ciência, técnica e arte. 2ª ed. Brasília: CNI/IEL, 2000.
- FILION**, Louis Jacques. *O planejamento do seu sistema de aprendizado empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações*. Revista de Administração de Empresas, FGV, São Paulo, julho/setembro, pp 31(3): 63-71, 1991.
- FILION**, Louis Jacques apud **GAUTHIER F. A.** et al. *Análise de questionários para a avaliação de perfil empreendedor*. Anais 1º ENEMPRES, UFSC, 1999.
- FILION**, L. J. *From entrepreneurship to entreprenology*. HEC, The University of Montreal Business School, Paper presented at the 42nd ICBS World Conference, June 21-24, San Francisco, California, 1997.
- GIBSON**, James L. et al. *Organizações: Comportamento, estrutura, processos*. São Paulo: Atlas, 1981.
- GUGLIELMINO**, P. J. & **KLATT**, L. A. *Entrepreneurs as self-directed learners*. Proceedings of the International Council for Small Business, p. 206-216, 1993.
- HANSEMARK**, O. *The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement*. International Journal of Entrepreneurship Behaviour and Research, 4(1), 28-50. 1998
- HISRICH**, Robert D. e **PETERS**, Michael P. *Empreendedorismo*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. Tradução de Lene Belon Ribeiro.
- KOURILSY**, M.L. *Predictors of entrepreneurship in a simulated economy*. The Journal of Creative Behavior, 14(3), 175-199, 1980.
- KRUEGER**, N. F. *Nurturing local economic resilience: now communities can develop entrepreneurial potential*. USASBE Annual National Conference Entrepreneurship: the engine of Global economic development. San Francisco, Califórnia, 21-24 June, 1997.
- KRUEGER**, N. F. and **BRAZEAL**, D. V. *Entrepreneurial potential and potential Entrepreneurs*. Entrepreneurship: theory and practice. 18 n° 3, 91-104, Spring, 1994.
- LEITE**, Emanuel F. *O fenômeno do empreendedorismo*. Recife: Bagaço, 2000.
- MARCHIGIANO-MONROY**, T. *Realities and emerging realities of adapting to changing global economic conditions: rethinking the role of SBI/SBIDA in entrepreneurial Education*. Proceedings of the 17th National Small Business Consulting Conference-SBIDA, p. 120-130, 1993.
- McMULLAN**, W.E., **LONG**, W.A., & **GRAHAM**, J.B. *Entrepreneurship education in the nineties*. Journal of Business Venturing, 2(3), 261-275, 1986.
- MORALES**, Sandro Afonso. *Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), UFSC, Florianópolis, 2004.
- NASSAJON**, Cláudio; **SALIM**, Helene; **MARIANO**, **SANDRA** et alli. *Administração empreendedora: teoria e prática usando o estudo de casos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PAIVA, Fernando Henrique Dantas de. *Cultura e prática empreendedoras: um estudo de caso em instituição de educação tecnológica no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFRN, Natal, 2002.

PENHA, J. da. *Períodos filosóficos*. São paulo: Ática, 1994.

PAMPLONA, João Batista. *Conceito polêmico*. Entrevista concedida à Revista Época em 06 de janeiro de 2003.

RASHEED, Howard S. *Developing Entrepreneurial Potential in Youth: The Effects of Entrepreneurial Education and Venture Creation*. University of South Florida, 20 december 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Silvio Aparecido dos. *A Ação Empreendedora em uma economia globalizada e competitiva*. Brasília, in Criando seu próprio negócio – como desenvolver o potencial empreendedor – edição SEBRAE, 1995, p.23.

SHAPERO, A. *The displaced, uncomfortable entrepreneur*. Psychology Today. Novembro, 1975.

SHAVER, K.G., & **SCOTT**, L.R. *Person, process, choice: The psychology of new venture creation*. Entrepreneurship Theory and Practice, Winter, 23–42, 1991.

SHAVER, K. G. *The entrepreneurial personality myth*. Business & Economic Review, 41(3), 20-23, 1995.

SINGH, J.B. *Entrepreneurship education as a catalyst of development in the third world*. Journal of Small Business and Entrepreneurship, 7(4), 56-63, 1990.

SMILOR Raymond W., **PEGRAM**, Kenny M. *The Learning Needs of High-Potential Entrepreneurs In Latin America*. International Conference on Entrepreneurship in Latin America Viña del Mar, Chile October 26 – 28, 2003.

SOUZA, Marcos Aguiar de. *Fundamentos psicossociais da educação*. Apostila do Curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior a distância. UFRJ/CFCH e CEP/NuCEAD, 2000.

VESPER, K.H. *New Venture Strategies*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.1990.

VIANNA, Marco Aurélio. *Reflexões Sobre o Futuro da Educação e do Trabalho*. Disponível em: <http://www.aprendervirtual.com.br/ver_noticia.php?codigo=158>. Acesso em 10 de agosto de 2004.

WINSLOW, Erik K., **SOLOMON**, George T. e **TARABISHY**, Ayman. *Empirical Investigation into Entrepreneurship Education in the United States: Some Results of the 1997 National Survey of Entrepreneurial Education*. The George Washington University, 1997.